

AFRODICÇÕES



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

LUCIANA BRANDÃO LEAL
VANESSA RIAMBAU PINHEIRO
NATALINO DA SILVA OLIVEIRA
(org.)

Afrodições
Poesias de Angola e Moçambique

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Af85 Afrodições : poesias de Angola e Moçambique / organizadores: Luciana Brandão Leal, Vanessa Riambau Pinheiro e Natalino da Silva Oliveira.
– Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2024.

1. Literatura africana (Português) – História e crítica. 2. Poesia africana (Português). I. Leal, Luciana Brandão. II. Pinheiro, Vanessa Riambau. III. Oliveira, Natalino da Silva.

CDD – 896.09
– 896

ISBN 978-85-268-1657-2

Copyright © by Organizadores
Copyright © 2024 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO | 9 |
| 1 - MANIFESTAÇÕES POÉTICAS EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE NO PÓS-INDEPENDÊNCIA..... | 21 |
| <i>Maria Nazareth Soares Fonseca</i> | |
| I - FEIÇÕES POÉTICAS DE ANGOLA | |
| 2 - ANGOLA: PALAVRA DE POETA | 49 |
| <i>Lopito Feijóo K.</i> | |
| 3 - ALDA LARA: DIÁLOGOS PARATEXTUAIS | 53 |
| <i>Fabio Mario da Silva</i> | |
| 4 - DOIS POETAS NA CENA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA | 63 |
| <i>Kaio Carmona</i> | |
| 5 - SOB O SIGNO DA AUTENTICIDADE: A REINVENÇÃO DO ETHOS COLETIVO EM ABREU PAXE..... | 77 |
| <i>Vanessa Riambau Pinheiro</i> | |
| 6 - COMO AGOSTINHO NETO ANTECIPOU FRANTZ FANON: A RENÚNCIA IMPOSSÍVEL DE SER NEGRO - TRIBUTO/NOVA ABORDAGEM DO INTELECTUAL | 89 |
| <i>Pires Laranjeira</i> | |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| 7 - A FORÇA FEMININA DA ESCRITA LITERÁRIA DE ANA PAULA TAVARES | 119 |
| <i>Terezinha Tabora Moreira</i> | |

II - FEIÇÕES POÉTICAS DE MOÇAMBIQUE

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 8 - PALAVRA DE POETA: MOÇAMBIQUE – AS GERAÇÕES E OS NOMES DA LITERATURA MOÇAMBICANA | 141 |
| <i>Léo Sidónio de Jesus Cote</i> | |
| 9 - ENTRE O SILÊNCIO, O DESASSOSSEGO E A(S) DISTÂNCIA(S): AFINAL, QUEM SOMOS NÓS? | 147 |
| <i>Amosse Mucavele</i> | |
| 10 - MULHERES EM TRÂNSITO: A ESCRITA POÉTICA FEMININA EM MOÇAMBIQUE | 155 |
| <i>Ana Mafalda Leite e Sara Jona Laisse</i> | |
| 11 - DE PEDRAS E PERDAS: DICÇÕES ELEGÍACAS PRESENTES NA POESIA DE ARMANDO ARTUR | 179 |
| <i>Carmen Lucia Tindó Secco</i> | |
| 12 - CRAVEIRINHA, A MESSE E OS OPERÁRIOS: CINCO TRABALHOS QUE NÃO SÃO DE HÉRCULES..... | 199 |
| <i>Francisco Topa</i> | |
| 13 - MSAHO: UMA PROPOSTA DE MERGULHO NAS TRADIÇÕES MOÇAMBICANAS ENTRETECIDA A PARTIR DE UM PROJETO POLÍTICO-ESTÉTICO-LITERÁRIO..... | 223 |
| <i>Lílian Paula Serra e Deus</i> | |
| 14 - REINALDO FERREIRA: A VESSO DO A VESSO | 257 |
| <i>Luciana Brandão Leal</i> | |
| 15 - CRAVEIRINHA: A PROFÉTICA ORALIDADE ANCESTRAL..... | 283 |
| <i>Natalino da Silva Oliveira</i> | |
| 16 - RODA DAS ENCARNAÇÕES: O CORPO DA CRIAÇÃO | 297 |
| <i>Raquel Beatriz Junqueira Guimarães e Elzira Divina Perpétua</i> | |

- 17 - DO FEMINISMO AFRO-MOÇAMBICANO EM UMA NOVA POESIA DE
COMBATE: O CANTO DO FUTURO DE DEUSA D'ÁFRICA..... 313
Sávio Roberto Fonseca de Freitas

III - POÉTICAS EM TRÂNSITO

- 18 - CORPOS DESEJANTES: ENCONTROS ERÓTICOS
ENTRE POEMAS DE PAULA TAVARES, CONCEIÇÃO
EVARISTO E SÓNIA SULTUANE 337
Vanessa Ribeiro Teixeira
- 19 - REVERBERAÇÕES DE IDENTIDADE ANCESTRAL:
TAMBORES, ATABAQUES E RESISTÊNCIA 347
Roberta Maria Ferreira Alves
- SOBRE OS AUTORES 373

APRESENTAÇÃO

Este livro é a primeira publicação do projeto “Afrodicções: a poesia dos países africanos de língua portuguesa”, coordenado por Luciana Brandão Leal, submetido ao CNPq e aprovado para o interstício 2022-2025, que propõe estudos sobre a produção poética de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, promovendo reflexões, análises e percursos críticos sobre vozes poéticas dos séculos XX e XXI. Consideram-se “afrodicções” feições literárias propostas por poetas africanos que se expressam na produção advinda de contextos sócio-históricos bastante específicos, manifestando-se em temáticas e propostas peculiares. Para este primeiro volume, organizado por Luciana Brandão Leal (UFV), com a preciosa colaboração dos pesquisadores Natalino da Silva Oliveira (IF Sudeste MG) e Vanessa Rimbau Pinheiro (UFPB), convidamos poetas e pesquisadores reconhecidos em centros de pesquisas nacionais e internacionais sobre as literaturas africanas de língua portuguesa a produzirem textos críticos sobre vozes poéticas de Angola e Moçambique. Estudar a poesia e as artes de países africanos colonizados por Portugal, nos períodos pré e pós-independência, permite não apenas conhecer o projeto literário de cada um desses países, mas, também, a história da colonização e das lutas por independência nesses espaços. Como viés investigativo, realçam-se marcas de identidade presentes em cada um dos projetos literários dos países africanos de língua portuguesa, discutindo-se como tais aspectos contribuem para a formação de sistemas literários próprios. No Brasil, a lei federal n. 10.639/2003² determina a inclusão obrigatória, “no currículo oficial da Rede de Ensino”, da temática

“História e Cultura Afro-Brasileira”; entretanto, a abordagem das literaturas africanas de língua portuguesa em ambientes acadêmicos ainda é muito restrita, devido à escassez de formação de pesquisadores/professores. Isso acontece, sobretudo, devido à limitada difusão de pesquisas nessa área e ao difícil acesso a bibliografias sobre o tema. Essas questões se refletem na formação do público leitor de poemas africanos, que depende de grande empenho do professor, que conta com poucos recursos bibliográficos, já que muitas obras não são editadas/publicadas no Brasil. Estudar textos poéticos provenientes dos países africanos de língua portuguesa constitui empenho relevante e necessário, porque viabiliza a produção/circulação crítica e bibliográfica de/sobre poesias/poetas de espaços africanos, além de maior divulgação das obras escritas nesses países.

Em estudo anterior,³ Pinheiro constata que, segundo o estudioso ganhês Anthony Appiah, em seu livro *A casa do meu pai*, a literatura cumpre papel fundamental no desenvolvimento de uma cultura nacional. No caso das literaturas africanas em língua portuguesa, essa assertiva tem ainda mais fundamento porque, ainda segundo Appiah, diferentemente do projeto literário da Europa, que versa sobre a descoberta do eu, o projeto literário africano é coletivo e presta-se à funcionalidade específica de afirmação cultural. Para a realização desse projeto – de traços épicos e metafísicos –, foi preciso que os autores se engajassem em missão de narrar a nação⁴ para que ela pudesse, afinal, ser imaginada.

Leite e Pinheiro⁵ avaliam que, no quadro dos países africanos de língua portuguesa, a literatura tornou-se veículo essencial para a legitimação cultural; destarte, também contribuiu para o fortalecimento dos valores ancestrais, bem como de tradições orais, ao reinventá-las e preservá-las para a posteridade, por meio de relatos que as mencionem ou que imitem suas práticas; converteu-se, também, numa primeira fase, em instrumento de resistência contra o colonizador, representando, além de ato cultural, ato político.

As tensões e as guerras pela independência das colônias africanas contribuíram para forjar, no decorrer do século XX, os conceitos que norteiam a “moderna” literatura produzida nesses países, constituindo-se

projetos literários nacionais bem definidos. A construção da identidade de uma “literatura nacional” coincide com os processos de luta anticolonial, como se discute adiante, mostrando-se que as literaturas africanas de língua portuguesa não só fazem parte desses movimentos de independência política, mas são, também, espaços significativos de reivindicação e luta pelas identidades sufocadas pela colonização.

Os poemas, fundados na tradição oral, são o “reservatório dos valores culturais de uma comunidade com raízes e personalidade regionais, muitas vezes perdidas na amálgama da modernidade”.⁶ Portanto, valores educacionais, sociais, políticos e culturais podem ser transmitidos, na contemporaneidade, pela tradição poética e literária dos países africanos.

A vocação poética de Angola e Moçambique vem de longa data. Como elemento constitutivo da nacionalidade, a poesia consolidou-se como instituição sociocultural, nesses países, em meados do século XX. A fim de imaginar a nação e planejar a revolução,⁷ a literatura, assumindo cariz de combate, contribuiu, sobremaneira, para os projetos estético-ideológicos em Angola e Moçambique, fortalecendo-se e configurando a autonomia literária de cada um desses países. Alinhada à formação imagológica da nação, a literatura funcionou como sustentáculo coletivo de propagação de ideais nacionalistas e revolucionários, mas não se esgotou assim; superado o contexto colonial, a poesia manteve-se em alta, ressignificada em sua função de baluarte nacional.

Nas últimas décadas, escritores locais revelaram outras vias poéticas, cujo teor intimista redefiniu o percurso de exploração temática na sua lírica. Atualmente, os poetas realizam incursões várias que dão conta de temas diversos. É como se esse ampliar de perspectivas possibilitasse um desvelar mais íntimo, um explorar de geografias externas e internas simultâneas, com o arrefecimento da identidade coletiva de outrora em prol da subjetivação da escrita de hoje. É nessa esteira que encontramos a profícua produção poética de autoria feminina desses países.

Para este primeiro volume, que aborda feições poéticas de Angola e Moçambique, convidamos poetas e pesquisadores africanos, brasileiros e portugueses. O texto de Maria Nazareth Soares Fonseca oferece um

panorama sobre a produção poética de Angola e de Moçambique. Lopito Feijóo, poeta angolano, compartilha suas impressões sobre a poesia escrita em Angola nos séculos XX e XXI. Os textos de Fabio Mario da Silva, Kaio Carmona, Pires Laranjeira, Terezinha Taborda Moreira e Vanessa Riambau Pinheiro focalizam a produção poética de Angola. Léo Cote, poeta moçambicano, apresenta-nos um panorama sobre a poesia escrita em seu país. Os textos de Ana Mafalda Leite e Sara Jona Laisse, Carmen Lucia Tindó Secco, Francisco Topa, Lílian Paula Serra e Deus, Luciana Brandão Leal, Natalino da Silva de Oliveira, Raquel Beatriz Junqueira Guimarães e Elzira Divina Perpétua e Sávio Roberto Freitas abordam a produção poética de Moçambique. Vanessa Teixeira e Roberta Maria Ferreira Alves trazem diálogos entre poetas de espaços africanos e brasileiros, portanto, abordam poéticas em trânsito.

Maria Nazareth Soares Fonseca apresenta um panorama sobre a poesia produzida em Angola e Moçambique, indicando expressões significativas do período pré-independência para, em seguida, focalizar percursos poéticos no período pós-independência. Nesse empenho, ressalta que “muitos poetas e algumas poetisas da fase colonial continuarão, no pós-independência, a participar da cena literária dos dois países” e realiza levantamento minucioso das vozes poéticas que se destacaram, em Angola e Moçambique, após 1975, oferecendo percursos detalhados aos leitores e futuros leitores sobre a produção literária nesses dois países.

O texto inaugural da seção dedicada a Angola traz a “palavra do poeta” Lopito Feijóo com “As mais importantes referências da poesia angolana”, pontificando nomes de poetas e poetisas inolvidáveis da literatura de seu país. Considerando que a “poesia angolana é facto vivo”, Lopito Feijóo referencia os(as) jovens poetas contemporâneos(as) cujas obras já estão legitimadas, mas, segundo ele, “ainda sem estudar”.

Fabio Mario da Silva, com pesquisa original e específica, dá continuidade aos seus estudos sobre a escritora angolana Alda Lara, focalizando sua produção poética, no texto “Alda Lara: diálogos paratextuais”. Nele, esse pesquisador estuda poemas nos quais essa escritora inclui dedicatórias a amigos, familiares e outros poetas, configurando-se como elementos

paratextuais que, segundo ele, orientam os(as) leitores(as). Para ele, as dedicatórias servem “tal como a função das epígrafes de obras literárias, para estabelecer um diálogo intrínseco entre a sua poética e as homenagens que a autora demonstra a intenção de prestar, constituindo elementos paratextuais que guiam os/as leitores/as”.

Kaio Carmona assina o capítulo “Dois poetas na cena literária contemporânea de Angola”, considerando as vozes de Cíntia Gonçalves e Hélder Simbad, que integram um coletivo poético denominado movimento Litteragris, iniciado, em 2015, “por jovens interessados na produção e na crítica de poesia, participando intensamente da cena literária contemporânea”. Esse movimento potencializou eventos realizados para discussões sobre poesias, além da criação da revista *Tunda Vala*, em 2018, contando com manifestos editoriais e com a presença de feições da poesia angolana contemporânea. A partir das definições de Agamben sobre o “contemporâneo”, evidenciando-se que “o poeta – o contemporâneo – deve manter fixo o olhar no seu tempo”, Kaio Carmona defende que “o contemporâneo é aquele que lê no presente a história, de modo inédito, reatualizando uma espécie de origem que nunca se extinguiu”.

Pires Laranjeira, por sua vez, analisa a expressão poética do angolano Agostinho Neto, com o tributo/nova abordagem do intelectual no texto “Como Agostinho Neto antecipou Frantz Fanon: a renúncia impossível de ser negro”. Esse pesquisador analisa o poema “A renúncia impossível”, visando “dar relevo a esse poema como prática da negação colonialista”, que, segundo ele, é antecipatório da obra de Frantz Fanon. Nesse poema, Agostinho Neto também antecipa o Manifesto de 1956 (do Movimento Popular de Libertação Nacional). Pires Laranjeira afirma que, nos últimos 35 anos – sobretudo, em Portugal e Angola –, há diversas intervenções que pretendem “descredibilizar e apagar Agostinho Neto como intelectual, teórico e poeta”. A proposta de leitura do poema “A renúncia impossível” pretende demonstrar que ele, apesar da sua aparente singeleza, é “extraordinariamente apelativo”, com importância para a literatura angolana e para a cultura africana comparável ao *Cahier d'un retour au pays natal*, do franco-martinicano Aimé Césaire. Segundo Pires Laranjeira,

o poema que analisa pode ser compreendido em diálogo com as propostas de Frantz Fanon, com destaque para os textos *Pele negra, máscaras brancas* e *Os condenados da terra*, escritos em período posterior ao do poema de Agostinho Neto.

Ainda no campo das especificidades, a crítica Terezinha Taborda Moreira brinda-nos com o texto “A força feminina da escrita literária de Ana Paula Tavares”, no qual analisa os recursos estilísticos empregados, no poema “MUKAI”, por Tavares, identificando, por exemplo, o uso de signos referentes ao corpo feminino. Essa intelectual parte do pressuposto de que existe consonância de elementos da cultura portuguesa e da angolana nos poemas, o que estabelece uma “poética da Relação”, à guisa de Glissant.

Vanessa Rimbau Pinheiro, por seu turno, leva o leitor rumo à lírica imagética de Abreu Paxe, realizando análise da sua poética de forma pormenorizada, abrangendo, conjuntamente, elementos linguísticos, imagéticos e contextuais da produção desse poeta. É preciso destacar, ainda, que o percurso estabelecido nesse capítulo alcança o vasculhar pela biografia do poeta contemplando, além de outros elementos, o seu posicionamento crítico perante o impulso colonial existente não apenas em nações eurocentradas, mas que também habitam o interior dos próprios indivíduos.

Léo Cote abre a seção dedicada a Moçambique com sua “palavra de poeta” e escreve sobre as “Gerações e os nomes da literatura moçambicana”, provocando reflexão sobre a tradição oral e a tradição escrita no cenário da literatura moçambicana, apresentando um panorama desde Campos de Oliveira, Rui Noronha e João Albasini até os nomes que prevalecem na contemporaneidade. Enfatiza que, na tradição moçambicana, há duas linhas estéticas fundamentais: uma de lirismo mais individual, citando Rui Knopfli, e outra com cariz coletivo, cujos representantes “sumos pontífices” são José Craveirinha e Noémia de Sousa. Nesse panorama, Léo aborda nomes e fases que sustentam o projeto poético moçambicano, oferecendo ao leitor, de forma sucinta e eficiente, a multiplicidade de suas manifestações.

O capítulo “Mulheres em trânsito: a escrita poética feminina em Moçambique”, de Ana Mafalda Leite e Sara Jona Laisse, apresenta um

levantamento, de caráter quantitativo, das publicações feitas por mulheres em Moçambique, a fim de “demonstrar que a produção literária feminina tem estado a crescer significativamente, quebrando o mito do patriarcado literário moçambicano”. Essas pesquisadoras, além de trazerem à baila esses nomes, analisam o *leit motiv* da produção poética dessas autoras, conferindo ao estudo a possibilidade de leitura também sincrônica, além de diacrônica.

A pesquisadora Carmen Lucia Tindó Secco, por sua vez, escreve “De pedras e perdas: dicções elegíacas presentes na poesia de Armando Artur”, considerando toda a produção poética desse escritor moçambicano. Em suas reflexões, evidencia que essa voz poética sempre esteve vinculada, de forma individual e coletiva, à história de Moçambique. Armando Artur foi um dos fundadores da *Revista Charrua* e, em seu projeto literário, opta por uma dicção mais intimista, com discurso lírico que privilegia a elaboração estética dos poemas. Ela apresenta, então, os principais temas elaborados nos livros *Espelho dos dias*, *O hábito das manhãs*, *Estrangeiros de nós próprios*, *Os dias em riste*, *A quinta essência do ser*, *Coração da noite*, *Felizes as águas*, *As falas do poeta*, *A reinvenção do ser e a dor da pedra*, *Muery*, *elegia em si maior* e na antologia *Armando Artur: o rosto e o tempo*. Nesse empenho, ressalta que diversos estudiosos da obra de Armando Artur – especialmente, Ana Mafalda Leite – destacam “a linhagem poética do autor vinculada a Sophia de Mello Breyner, a Alberto de Lacerda, a Glória de Sant’Anna, poetas do silêncio, da respiração contida”. Prevaecem os temas relacionados às diversas formas de amor: “à terra, ao mar, à pátria, aos semelhantes, à poesia, esta designada por ele ‘amor poético’”. O livro publicado em 2012, *As falas do poeta*, destoa, significativamente, dos demais, cujo tom é denominado, por Secco, como “melancólico”. A antologia *Armando Artur: o rosto e o tempo*, publicada em 2021, é organizada por Lucílio Manjate e celebra os 35 anos da trajetória desse escritor.

Francisco Topa reflete sobre a poética de Craveirinha, com o texto “Craveirinha, a messe e os operários: cinco trabalhos que não são de Hércules”, lembrando que muitos textos e poemas de Craveirinha permaneceram dispersos, tendo sido publicados tardiamente. Já no século

XXI foram publicados os volumes *Poemas da prisão e Poemas eróticos; Tâmaras azedas de Beirute e Vila Borghesi e outros poemas de viagem*; e, mais recentemente, *Moçambique e outros poemas dispersos*. Em 2009, é editado o volume de artigos *O folclore moçambicano e as suas tendências*. Entretanto, quase todas as edições das obras de Craveirinha estão esgotadas, devido a tiragens limitadas que circularam principalmente em Portugal e Moçambique. Francisco Topa propõe, então, cinco ações necessárias para privilegiar a circulação e a edição das obras de José Craveirinha. Topa evidencia a importância do empenho de organização e publicação, em livro, de poemas dispersos de José Craveirinha, como os que foram publicados n’*O Brado Africano* e não foram incluídos em nenhuma antologia/livro. Além disso, propõe a organização de poemas que, inicialmente, foram publicados em jornais e, em seguida, em livros. Segundo ele, essas versões podem beneficiar a crítica genética e contribuir para a compreensão do trabalho criativo de José Craveirinha. Outra ação necessária, na opinião de Francisco Topa, é a catalogação de textos em prosa publicados por esse escritor moçambicano em revistas e jornais. A quarta ação deve considerar determinados poemas de Craveirinha em seu viés “jornalístico-histórico”. Por fim, Francisco Topa ressalta a importância do levantamento das traduções e edições estrangeiras da obra de Craveirinha.

Lílian Deus apresenta um estudo concentrado do projeto do movimento Msaho, analisando a importância de Msaho para a formação e estruturação da identidade nacional de Moçambique, ainda no período colonial. Em “Msaho: uma proposta de mergulho nas tradições moçambicanas entretecida a partir de um projeto político-estético-literário”, o seu ato de mergulhar é profundo. Em poucas páginas, de forma sucinta, a pesquisadora escolhe os pontos mais importantes que fizeram de Msaho uma espécie de mônada que resgata a convergente multiplicidade de vozes que elencam elementos de oralidades, rituais, crenças e valores que fundam uma pátria-semente. Por abordar o teor transgressivo das vozes poéticas de Msaho, o trabalho de Lílian Deus se configura como essencial para estudos sobre a literatura moçambicana.

Luciana Brandão Leal percorre caminhos entre vida e obra de Reinaldo Ferreira. Em “Reinaldo Ferreira: avesso do avesso”, revira o avesso do avesso desse poeta, que faleceu jovem, deixando uma obra irretocável. A pesquisa apresentada vasculha até mesmo leituras do poeta, visando demonstrar o seu vasto conhecimento e diálogo com a literatura ocidental. De lugar incerto e, de certa forma, marginalizado, no cenário literário da literatura moçambicana do século XX, ele assim permanece na contemporaneidade. A pesquisadora, por meio de pesquisa biobibliográfica, aborda poemas de Reinaldo Ferreira e de outros poetas moçambicanos, como Virgílio de Lemos e Rui Knopfli; além de antologias, dedicatórias, depoimentos, notas autobiográficas, fragmentos de jornais e outros registros que demonstram que Reinaldo Ferreira é estrela incontornável na constelação da poesia de Moçambique.

Natalino da Silva de Oliveira também considera a produção poética de um escritor moçambicano no artigo “Craveirinha: a profética oralidade ancestral”. Nele, apresenta suas reflexões a partir dos versos iniciais do livro *Karingana ua karingana*, reiterando ser esse escritor “uma estrela incontornável na constelação cartográfica da literatura moçambicana”, cuja expressão literária está na constituição e na reformulação da “moçambicanidade”. A partir dessas considerações, Natalino Oliveira afirma que a “expressão moçambicana”, na obra de Craveirinha, advém da herança ancestral (matriarcal) e da presença do colonizador (patriarcal). Os elementos da cultura africana se conformam pelo ritmo e pela sonoridade próprios da terra e, segundo ele, “as palavras se transformam em sons que inauguram novas formas embaralhando signos e significados, imagem textual/visual e imagem acústica”. Nesse empenho, esse pesquisador ressalta que o trabalho com o corpo e a voz elabora “a pungência do *performer*, do escritor-*performer*, torna inseparável palavra e ato – a *palavra-ato* de africana matriz civilizatória”.

As autoras Raquel Beatriz Junqueira Guimarães e Elzira Divina Perpétua assinam o artigo “*Roda das encarnações: o corpo da criação*”, no qual analisam a poética de Sultuane, contestando a ideia de que não haveria combate/atrito na obra dessa poeta, a partir do estudo de outras

das suas manifestações artísticas em contraponto à sua poesia. De acordo com essas ensaístas: “[e]sse movimento criativo que evidencia o atrito se apresenta tanto na articulação entre as artes que pratica, quanto por suas escolhas poéticas”.

O capítulo intitulado “O feminismo afro-moçambicano em uma nova poesia de combate: o canto do futuro de Deusa d’África”, do pesquisador Sávio Roberto Fonseca de Freitas, vem na esteira da produção intelectual desse crítico – sempre voltada à autoria de literatura feminina –, para trazer o nome da jovem poeta Deusa d’África como um nome do futuro: nesse estudo, mostra o percurso literário dessa poeta, evidenciando o que a distingue de outras autoras de seu tempo e ressignificando a sua produção literária, apontando-a, como a de seus companheiros poetas do movimento cultural Xitende, como uma “nova poesia de combate”.

Na seção dedicada às “poéticas em trânsito”, abraçando a temática do feminino, o texto “Corpos desejanter: encontros eróticos entre poemas de Paula Tavares, Conceição Evaristo e Sónia Sultuane”, de Vanessa Ribeiro Teixeira, percorre a lírica dessas escritoras, buscando analisar a *performance* feminina. Nesse esforço, estabelece paralelos entre a poética dessas autoras angolana, brasileira e moçambicana, abordando “como personas femininas são reveladas poeticamente enquanto corpos desejanter”, atentando para o exercício da realização erótica quando da ausência ou negligência dos potenciais sujeitos desejanter. O sendeiro percorrido brinda o leitor com um campo semântico erótico de extremo lirismo em que o eu poético feminino se coloca na posição de domínio do próprio desejo. Sua análise parte de um viés comparatista, seguindo a trilha de poemas encontrados nas obras *Ritos de passagem*, de Paula Tavares (Angola), *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo (Brasil), e *Roda das encarnações*, de Sónia Sultuane (Moçambique).

Roberta Maria Ferreira Alves, por sua vez, promove trânsitos por territorialidades artísticas e literárias, estabelecendo relações entre a poesia de Craveirinha, a de Solano Trindade e a obra do *rapper* Emicida. Em suas “Reverberações de identidade ancestral: tambores, atabaques e resistência”, o tambor é o elemento e a metáfora que aglutina vozes e

promove o resgate da ancestralidade. A musicalidade, a cadência e o ritmo materializam a versatilidade da cultura negra que une religiosidade e festa. Os elos abordados por essa pesquisadora sempre estiveram presentes em referências às poesias de Craveirinha, mas aparecem, agora, aproximando vozes de espaços distintos, em proposta de uni-los em uníssono.

As pesquisas apresentadas nos capítulos deste livro reverberarão como toques rituais, tambores ancestrais. O toque é alto e límpido, impossível de ser negado ou de não ser ouvido. As lições da literatura moçambicana são a de que não se deve separar letra de vida e a de que não se deve produzir poesia escrita a partir de signos vazios.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, com muito empenho, aos pesquisadores que contribuíram para esta obra, professores e pesquisadores que trabalham insistentemente para a divulgação das literaturas produzidas em países africanos de língua portuguesa, para a formação de professores nas universidades brasileiras, portuguesas e africanas, além da formação de público leitor. Agradecemos também, ao CNPq, pelo apoio às pesquisas realizadas no âmbito do projeto “A produção poética dos países africanos de língua portuguesa nos séculos XX e XXI”.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Brasília, DF, Presidência da República, 2003. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm>. Acesso em 18/7/2023.
- LEITE, Ana Mafalda & PINHEIRO, Vanessa Riambau. “O papel de Rui Knopfli na *Revista Caliban* e no sistema literário moçambicano”. *literafro*, 2021. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/literafro/literatura->

cabo-verdiana-2/1641-ana-mafalda-leite-e-vanessa-riambau-pinhoiro-o-papel-de-rui-knopfli-na-revista-caliban-e-no-sistema-literario-mocambicano>. Acesso em 17/5/2023.

PINHEIRO, Vanessa Riambau. “A condicionante exógena e a homogeneização cultural: reflexões sobre a formação do cânone em Moçambique”. *Gragoatá*, vol. 22, n. 43, maio-ago. 2017, pp. 876-897.

NOTAS

- ¹ O título “Afrodicções” alude ao texto da pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca, publicado pela Associação dos Escritores Angolanos, intitulado “Afrodicções: matéria de poesia”. Disponível em <<https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/204-afrodic%C3%A7%C3%B5es-mat%C3%A9ria-de-poesia>>. Acesso em 10/6/2023.
- ² Brasil, 2003.
- ³ Pinheiro, 2017.
- ⁴ Anderson, 2008.
- ⁵ Leite & Pinheiro, 2021.
- ⁶ Rosário, 1989, p. 47.
- ⁷ Anderson, 2008.